

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O DOCLISBOA: CARLOS REICHENBACH
4 e 17 de Outubro de 2022

O BOM CINEMA / 2021

Um filme de Eugénio Puppó

Realização e Argumento: Eugénio Puppó / Direcção de Fotografia: Daniel Tancredi / Som: Fábio Gonçalves / Montagem: Eugénio Puppó e Cedric Fanti.

Produção: Heco Produções / Produtor: Eugénio Puppó / Cópia digital, preto e branco, falada em português / Duração: 81 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Para iniciar uma retrospectiva da obra de Carlos Reichenbach, nada melhor do que uma introdução ao caldo cultural que a viu nascer. O filme de Eugénio Puppó é um olhar, fortemente estruturado em imagens e sons de arquivo – toda a história é contada por essas imagens e por esses sons, sem outro género de intromissões – sobre a geração de cineastas brasileiro que veio imediatamente a seguir à do Cinema Novo. Reichenbach, mas também Rogério Sganzerla, Júlio Bressane, Andrea Tonacci, Ozualdo Candeias, João Callegaro e mais alguns outros, aliás “inventariados” numa determinada cena do filme. A geração do “cinema marginal”, do cinema “da Boca do Lixo”, mas que talvez sucintamente resumida na expressão preferida de Carlos Reichenbach (e ao que sabemos, cunhada por ele), a geração do “cinema pós-novo”.

Com uma habilidosíssima selecção e montagem de materiais bastante heteróclitos (cinema, televisão, fotografia, imagens “de autor”, imagens “sem autor”), onde se devem destacar os fragmentos relativamente extensos com entrevistas de época a alguns destes protagonistas (Sganzerla e Reichenbach, sobretudo), **O Bom Cinema** integra a erupção desta geração, e a sequência dessa obra, num momento particular da vida brasileira, da cultura brasileira, da vida brasileira. Mas não só aí; recua mais, estabelece um diálogo com os “antepassados” que estes cineastas reconheciam como afinidades (as citações do **Limite**, de Mário Peixoto), estabelece mesmo um diálogo com a história do cinema universal, algo que faz perfeito sentido quando se pensa na voracidade cinéfila (muito “à europeia”, muito “à parisiense”, sobretudo muito à Cahiers du Cinéma) desta geração de realizadores. Em paralelo, é um registo – a montagem, o fragmento, o raccord, a sobreposição – que entra em contacto com a própria tessitura de boa parte deste “cinema pós-novo”, sobretudo nos seus momentos inaugurais.

E, num sintoma da tortuosidade desta história (ou enfim, de todas as histórias), o filme toma de empréstimo a expressão – “o bom cinema”, o que “enriquece” por oposição ao que “aliena” – usada pela Igreja Católica brasileira quando, nos anos 50 e 60, activamente promoveu a formação de novos realizadores (história relativamente bem explicada no filme) que se dispusessem a praticar um cinema movido por valores elevados, um investimento que acabou por ser importante no crescimento de alguns realizadores desta geração

Luís Miguel Oliveira